

## O MOVIMENTO DO VERBO NA HISTÓRIA DO ESPANHOL

Carlos Felipe da CONCEIÇÃO PINTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto tem a finalidade de apresentar as primeiras reflexões contidas no projeto de tese em fase de desenvolvimento cujos objetivos são fazer uma análise do movimento do verbo na história do espanhol e discutir questões formais sobre o fenômeno V2 nas línguas humanas. Acreditamos que, na atualidade, o verbo faz um movimento mais curto (somente para T°/I°) que no espanhol antigo, quando o verbo se movia longamente (até C°) em sentenças não-marcadas. Pretendemos, também, propor uma análise unificada para o fenômeno V2 (simétrico e assimétrico) dentro da periferia esquerda da sentença.

**Palavras-chave:** Sintaxe Gerativa; Movimento do Verbo; História do Espanhol.

**RESUMEN:** Este texto tiene el objetivo de presentar las primeras reflexiones contenidas en el proyecto de tesis que se empezó a desarrollar cuyos objetivos son hacer un análisis del movimiento del verbo en la historia del español y discutir cuestiones formales respecto del fenómeno V2 en las lenguas humanas. Creemos que, actualmente, el verbo se mueve más cortamente (sólo hasta T°/I°) mientras que en el español antiguo se movía más largamente (hasta C°). Pretendemos, también, proponer un análisis unificado para el fenómeno V2 (simétrico y asimétrico) dentro de la periferia izquierda de la oración.

**Palabras-clave:** Sintaxis Generativa; Movimiento del Verbo; Historia del Español.

### 1. Introdução

A partir da década de 1980, com a chegada da Teoria de Princípios e Parâmetros, os estudos em sintaxe gerativa puderam dar um avanço muito grande em relação aos modelos anteriores, dedicados aos estudos de regras e operações de transformações que só podiam dar conta de línguas particulares. Neste novo modelo teórico, propõe-se, então, que existe uma faculdade da linguagem que contém princípios universais e invariáveis e, ao mesmo tempo, uma gama de princípios variáveis em aberto, os parâmetros, que seriam os responsáveis pela diferenciação entre as línguas. Esse novo modelo representa um marco no início dos estudos modernos em sintaxe comparada. Além de alavancar os estudos comparativos entre línguas diferentes, a Teoria de Princípios e Parâmetros também possibilitou o estudo comparativo entre fases diferentes de uma mesma língua, tendo em vista que sincronias diferentes podem ser consideradas gramáticas, e portanto, sistemas lingüísticos, diferentes.

---

<sup>1</sup> Aluno do Doutorado em Lingüística da UNICAMP. Bolsista da FAPESP. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Charlotte Marie Chambelland Galves.

Diante desse panorama, este trabalho pretende apresentar a discussão do projeto de tese em desenvolvimento sobre o posicionamento do verbo na sentença em diversas fases da língua espanhola a partir de uma visão paramétrica.

## 2. Sobre o movimento do verbo e a variação das línguas humanas

A partir da assimetria entre as sentenças em (1) abaixo, do inglês e do francês, os estudos em gramática gerativa começaram a discutir a variação na posição do verbo nas diferentes línguas:

- (1) a. John often **kisses** Mary. <sup>2</sup>(inglês)  
 “João frequentemente beija a Maria”
- b. Jean **embrasse** souvent Marie. (francês)  
 “João beija frequentemente a Maria”  
 (Pollock, 1989, p. 367)

Considerando que, em (1a) e (1b), o advérbio é o mesmo, “frequentemente”, nas duas línguas, pode-se inferir que o advérbio permanece na mesma posição<sup>3</sup> e o verbo, em (1a), se realiza em uma posição mais baixa que o advérbio e, em (1b), se realiza em uma posição mais alta que o advérbio. Postulam-se, desta forma, três possíveis lugares de pouso para o verbo nas línguas humanas<sup>4</sup>: V<sup>o</sup> - núcleo verbal, posição mais baixa como em (1a); I<sup>o</sup>/T<sup>o</sup> - núcleo da flexão, posição medial como em (1b); e C<sup>o</sup> - núcleo do complementizador, posição mais alta da sentença. Evidências de que o verbo pode se realizar em C<sup>o</sup> são dadas pelos diversos estudos sobre as línguas V2 (*verb second*), conforme comentam Fontana (1993), Ribeiro (1995) e Torres Morais (1995), embora possa haver diferenças no posicionamento do verbo em relação às sentenças matrizes e subordinadas, verbos plenos e verbos auxiliares etc. Veja-se o exemplo em (2):

- (2) Diesen Roman **las** ich schon letztes Jahr  
 “Este livro li eu já no último ano”  
 (Citado em Ribeiro 1995, p. 10-11)

<sup>2</sup> Nos exemplos que se referirem ao posicionamento do verbo, o verbo será destacado em negrito.

<sup>3</sup> Advérbios de tipos diferentes podem posicionar-se em lugares diferentes. Considerar uma sentença como “felizmente o João saiu rapidamente”, que apresenta dois advérbios: “rapidamente” modifica a ação de João sair e “felizmente” não está relacionado diretamente com a ação de João sair rapidamente.

<sup>4</sup> Consideramos neste ponto apenas as posições mais tradicionais VP, IP/TP e CP. Contudo, cientes de que discussões mais recentes desmembram essas posições em outras mais.

Em (2), como o sujeito “ich” permanece na posição de SpecIP, onde checa Caso nominativo e concordância, o verbo, que está à sua esquerda, deve estar em uma posição mais alta, e a única posição disponível é o núcleo C°.

De acordo com a versão Minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1993), a faculdade da linguagem é composta por dois sistemas de performance (um sistema conceitual-intencional (C-I) e outro articulatório-perceptual (A-C)<sup>5</sup>), que formam os níveis de interface Forma Lógica (*Logical Form* – LF) e Forma Fonética (*Phonetic Form* – PF) respectivamente, e dois componentes (um léxico e um sistema computacional). Desta forma, Chomsky (1993) assume que o que se espera de variação entre as línguas concerne ao que é visível; isto é, à PF e alguns aspectos do léxico. Isso quer dizer que o que é variável é o que a criança ouve. Por exemplo, crianças japonesas ouvem os elementos WH in-situ; crianças espanholas ouvem os elementos WH fronteados. Porém, em LF, ambas as crianças processam/interpretam o elemento WH na mesma posição.

Seguindo princípios de economia, certos conceitos das versões antigas da teoria são abandonados e o conceito de parâmetro precisa ser reformulado<sup>6</sup>. Chomsky (1993) assume que a variação entre as línguas se deve às propriedades formais do léxico funcional: as línguas vão variar a depender da força dos traços formais do seu léxico funcional, que desencadeará ou não os movimentos sintáticos cuja finalidade é apenas checar os traços morfológicos dos elementos, que, no caso em discussão, são os traços formais do verbo e do núcleo que o abrigará. Assim, se os traços de tempo forem fortes o suficiente, o verbo se move para I°/T°, resultando na ordem *V Adv*, como no francês, ilustrado em (1b); caso contrário, permanece em V°<sup>7</sup>, resultando na ordem *Adv V*, como no inglês, ilustrado em (1a). Chomsky (1993) também argumenta que o movimento do verbo para C° tem a finalidade de checar outros traços, que não propriamente os traços-V (*V-features*).

### 3. Algumas diferenças sintáticas entre o espanhol antigo e o espanhol moderno

Fontana (1993) propõe que o espanhol antigo (diferentemente do espanhol moderno) era uma língua V2 do tipo do iídiche, que apresenta simetria entre orações principais e subordinadas

---

<sup>5</sup> Chomsky (2006) chama o sistema A-C de *sensorimotor*.

<sup>6</sup> Para uma introdução à discussão minimalista de Princípios e Parâmetros, ver Radford (1997). Para um estudo da evolução da noção de Parâmetro, ver o estudo de Kato (2002).

<sup>7</sup> Como comentam Hornstein, Nunes e Grohmann (2005), o verbo sempre se move do V° para o v°, considerando-se o duplo VP, que neste ponto do texto não é relevante.

com relação ao movimento do verbo. Os exemplos em (3) são do iídiche e os exemplos em (4) são do espanhol antigo:

- (3) a. Dos yingl **vet** oyfn veg zen a kats  
 “O menino vai na avenida ver um gato”
- b. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.  
 “Na avenida vai o menino ver um gato”
- c. az oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats  
 “que na avenida vai o menino ver um gato”  
 (Fontana, 1993, p. 69)

- (4) a. Este logar **mostro** dios a abraam.  
 “este lugar mostrou Deus a Abraão”
- b. A micer May, que era embaxador en Roma, **hizo** S.M. Vicechancellor.  
 “A micer May, que era embaixador em Roma, fez S.M. Vice-chanceler”
- c. ...dixol ... que nunca **fiziera** el rrey cosa por =le fazer plazer  
 “Disse-lhe que nunca faria o rei algo para lhe agradar”
- d. Quando esto **oyo** el Rey [...]  
 “Quando isto ouviu o Rei...”  
 (Fontana, 1993, p. 64/72)

Os exemplos em (3) mostram que, no iídiche, em qualquer tipo de oração, o verbo finito (no caso, o auxiliar) está na segunda posição, seguindo um elemento XP qualquer. Da mesma forma que o iídiche, o espanhol antigo apresenta uma ordenação V2, tanto em orações principais, como (4a-b), como em subordinadas, como (4c-d). Observa-se também que, tanto em (3c) como em (4c-d), a presença do complementizador não afeta a ordem V2.

Embora a ordem VSO, no espanhol moderno, esteja em declínio, Zubizarreta (1998) assume que ainda faz parte da intuição dos falantes nativos e considera, assim, o espanhol moderno uma língua do mesmo tipo de algumas línguas germânicas como o islandês e o islandês. Zubizarreta (1998) considera que esse declínio de uso na ordem VSO pode ser uma evidência de processo de mudança lingüística. Os exemplos em (5) ilustram possibilidades do espanhol moderno:

- (5) a. A menudo **juegan** niños en este parque.  
 b. Todos los días **compra** Juan el diario.

(Zubizarreta, 1998, p. 100/109)

A comparação dos exemplos em (4) e (5) mostra que a ordenação dos constituintes em ambas as fases do espanhol é  $XP_1 VSXP_2$ , onde  $XP_1$  é um elemento à esquerda e  $XP_2$  é um complemento ou adjunto qualquer. Essa ordenação em ambas as fases, segundo Zubizarreta (1998), é resultante da mesma estrutura sintática, derivada a partir de um TP sincrético, que pode estar dotado dos traços de foco/tópico ou dos traços do sujeito.

No entanto, algumas evidências podem ser levantadas para mostrar que o espanhol moderno não pode ser uma língua V2 no mesmo sentido que o espanhol antigo.

O primeiro exemplo pode ser tomado das construções de clivagem. Kato e Ribeiro (2006; no prelo) mostram que as línguas V2 não apresentam as construções de clivagem nas quais o XP focalizado checa os traços de foco no CP subordinado tendo em vista que essas construções de clivagem ferem a restrição V2. Línguas V2, segundo Kato e Ribeiro (2006; no prelo), só apresentam construções de clivagem, como as ilustradas em (6) a seguir, nas quais o XP focalizado checa os traços de foco no CP matriz, onde satisfaz a restrição V2 da língua<sup>8</sup>:

- (6) A DEMANDA DO SANTO GRAAL *é que* [...] em tam mostrará a estes homees bõos e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal. (adaptado de Kato e Ribeiro, 2006, p. 176)

Contudo, registram-se, no espanhol atual, construções de clivagem encabeçadas pela cópula como ilustram os exemplos em (7):

- (7) a. *Era* por ti por *quien* lloraba toda la boda.  
 b. *Es* el interno *el que* tiene que solicitar la visita<sup>9</sup>.

(Conceição Pinto, 2008, p. 86)

<sup>8</sup> Kato e Ribeiro (2006) mostram que, das línguas germânicas, o inglês moderno é a única língua que apresenta as *it-clefts* porque foi a única língua germânica que perdeu a propriedade V2. O estudo das autoras ainda mostra que, no caso do português, as construções de clivagem do tipo *É X QUE* só aparecem quando a língua começa a perder a propriedade V2. Construções como “negação *É X QUE*” são atestadas anteriormente tendo em vista que a negação tinha condições de satisfazer a restrição V2 da língua.

<sup>9</sup> Moreno Cabrera (1999, p. 4283) mostra que as *clivadas*, com *que* invariável, eram atestadas nos textos do espanhol do século XVII, o que pode ser um indício da perda da restrição V2 já no espanhol clássico. No entanto, tais construções já não são possíveis no espanhol europeu atual.

O segundo exemplo está relacionado com a ordem do sujeito em relação ao verbo. Zubizarreta (1998; 1999) diz que a ordem VS no espanhol atual está relacionada com fatores discursivos, como a focalização do sujeito<sup>10</sup>, como em (8). Assim, uma sentença com ordem SV tendo S desacentuado, como em (9), pode indicar que o sujeito é informação velha (9a) ou que toda a sentença é informação nova (9b):

- (8) A: ¿Quién se comió la manzana?  
B: Se comió la manzana Pedro. / La manzana, se la comió Pedro.
- (9) a. A: ¿Qué comió Pedro?  
B: Pedro comió la manzana.  
b. A: ¿Qué ocurrió?  
B: Pedro comió la manzana.

Assim, pode-se considerar que a ordem XPVS do espanhol moderno é uma estratégia para focalização de sujeito, como em (8). Por outro lado, a ordem XPVS do espanhol antigo resulta em uma estratégia diferente já que não implica na focalização (*narrow focus*) do sujeito, como comenta Ribeiro (2005) a partir de (10):

- (10) a. Boa dona, ñ vos dedes a atam grãde coita, ca ben sabe Deus que ñ esta aqui tal a que muyto ñ pese de vosso mal.  
b. Buena dueña, non vos dedes a atan gran cuyta, ca bien saben que non esta aqui tal a que mucho non pese de vuestro mal. (M)
- (Ribeiro, 2005, p. 7)

Com base no contraste entre os exemplos (10a) do português antigo e (10b) do espanhol antigo, Ribeiro (2005) diz que o sujeito, neste contexto, não é o foco tendo em vista que o sujeito está omitido em (10b).

Uma terceira evidência que pode ser levantada é expressa pelo contraste no fronteamto de objetos nas duas fases da língua espanhola. Fontana (1993) mostra que, no espanhol moderno, a duplicação do clítico com o objeto é obrigatória; já no espanhol antigo, a duplicação era impossível:

<sup>10</sup> Seguindo Zubizarreta (1998), o foco informativo, no espanhol atual, deve ser identificado pelo acento nuclear, que se localiza obrigatoriamente na posição mais encaixada da sentença. Contudo, o acento contrastivo pode ser colocado em qualquer posição na sentença. O acento é deslocado da posição mais encaixada na sentença para a posição onde o elemento focalizado contrastivamente está localizado. Além disso, Zubizarreta (1998; 1999) mostram que essas regras fonológicas para reconhecimento do acento neutro não são universais, mas particulares de cada língua.

- (11) a. Este lugar mostro díos a abraam. (Fontana, 1993, p. 64)  
b. Esta ciudad, \*(la) destruyeron los bárbaros.  
b'. Esta ciudad, los bárbaros \*(la) destruyeron. (Zubizarreta, 1998, p. 110)

Por fim, outra evidência ainda relacionada com a colocação dos clíticos nas duas fases do espanhol: a distribuição da próclise e da ênclise. As línguas românicas antigas apresentavam uma restrição ao clítico em primeira posição absoluta na frase conforme descrito na Lei de Tobler-Mussafia<sup>11</sup>. Logo, o espanhol antigo não permitia próclise sem que houvesse um elemento em primeira posição, antes do clítico. Contudo, o espanhol atual é uma língua de próclise categórica com os verbos finitos, independentemente de haver ou não algum elemento em primeira posição absoluta na frase.

Os fatos apresentados acima, que comparam alguns aspectos das gramáticas das duas fases do espanhol (antigo e moderno), podem ser indícios de que as duas fases não possuem a mesma gramática e que as forças dos traços formais dos itens funcionais nas duas fases do espanhol podem ser diferentes, originando assim movimentos de verbo distintos nas duas fases.

#### **4. Principais problemas e algumas hipóteses**

Nesta seção, apresentamos os problemas principais levantados nesta pesquisa e algumas hipóteses que deverão ser desenvolvidas melhor ao longo da pesquisa.

##### *Problema 1*

Assumindo-se, além da afirmação de Zubizarreta (1998) de que a ordem VSO está em declínio, diversos aspectos da sintaxe do espanhol atual (ver Zagona, 2002), pode-se questionar se o espanhol moderno ainda seria uma língua V2 no mesmo sentido que o espanhol antigo.

São encontrados dois tipos de inversão XPVS nas línguas humanas: a) a mostrada por Zubizarreta (1998) e Belletti (1999 e trabalhos subsequentes) para focalização de sujeito e b) a mostrada por Fontana (1993) e Ribeiro (1995; 2005) como ordem básica não-marcada de sujeito, tendo em vista a possibilidade de o sujeito estar oculto.

Acreditamos que o espanhol atual seja uma língua V2 residual no sentido apontado por Rizzi (1991, 1997), na qual o verbo se move para C° a fim de satisfazer critérios especiais relacionados com o discurso, como em orações interrogativas, topicalizadas e focalizadas. Em

---

<sup>11</sup> “Unstressed object pronouns cannot stand in absolute initial position in the sentence” Fontana (1993, p. 28).

sentenças declarativas neutras, o espanhol moderno não seria mais uma língua V2 como o era o espanhol antigo.

### *Problema 2*

Qual é a situação do espanhol clássico: seria uma língua V2 como o espanhol antigo ou apresentaria uma gramática diferenciada, que também seria diferente do espanhol moderno?

Considerando a existência de construções de clivagem encabeçadas pela cópula, sem nenhum elemento anterior, podemos assumir que o espanhol clássico já apresentaria algumas diferenças no movimento do verbo em relação ao espanhol antigo. Uma hipótese é que o espanhol tenha passado de uma fase V2 rígida para uma fase V2 não rígida.

### *Problema 3*

Fontana (1993), Ribeiro (1995) e Torres Morais (1995) comentam que as línguas V2 têm sido classificadas em dois grupos: a) línguas com V2 *simétrico*, nas quais o efeito V2 se manifesta tanto em sentenças matrizes como em subordinadas, tais como o islandês e o iídiche. Neste tipo de línguas, o V2 seria derivado a partir de um IP/TP sincrético, que, ora se comporta como uma posição A, ora se comporta como uma posição A-Barra; b) línguas com V2 *assimétrico*, no qual o efeito V2 se manifesta apenas em orações principais, como algumas línguas germânicas, como o alemão e o holandês. Neste tipo de línguas, o fenômeno V2 é derivado a partir do movimento V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup>-to-C<sup>o</sup> realizado pelo verbo finito.

Zubizarreta (1998), ao assumir uma análise com TP sincrético, elimina a categoria CP da análise por acreditar que tal categoria não é motivada semanticamente seguindo os princípios de economia do Programa Minimalista. Contudo, seguindo Roberts e Roussou (2003), quando discutem a uniformidade das categorias funcionais nas línguas, podemos assumir que todas as línguas têm uma estrutura funcional básica comum: uma categoria CP, relacionada com o tipo de sentença e questões discursivas; uma categoria IP/TP, relacionada com a flexão verbal e a categoria de tempo; uma categoria VP, responsável pela seleção lexical do verbo<sup>12</sup>. Além disso, se assumimos a periferia fina de Rizzi (1997), é possível eliminar o problema de competição entre verbo e complementizador por uma única posição no CP tendo em vista que outras posições funcionais estão disponíveis dentro do CP proposto por Rizzi (1997).

---

<sup>12</sup> Ver Rizzi (1997) sobre esse respeito.



*Problema 4*

Com relação às sentenças subordinadas, Ribeiro (1995, p. 43) sintetiza quatro tipos de línguas V2:

- a) línguas como o alemão, que só admitem V2 em completivas de verbos *pontes*, sem realização do complementador;
- b) línguas como o dinamarquês, também com V2 só em completivas de verbos *pontes*, mas com realização fonética do complementador;
- c) línguas como o islandês, com construções V2 em qualquer tipo de sentença encaixada e com realização fonética do complementador;
- d) línguas como o francês medieval, com V2 em completivas de verbos *pontes*, sendo facultativa a realização fonética do complementador.

Em decorrência do problema 3, acima, e assumindo a proposta de Chomsky (1993), discutida na seção 1, de que as línguas variam a depender da força dos traços formais do seu léxico funcional, podemos levantar a hipótese de que a variação V2 *simétrico* / V2 *assimétrico* está relacionada com alguma propriedade de algum traço formal no sistema CP dessas línguas<sup>13</sup>.

Torres Morais (1995) comenta que a presença do efeito V2 nas orações subordinadas com verbo ponte, em alemão, é possível porque o tempo da oração subordinada é independente do tempo da oração principal. Logo, podemos assumir que existe algum traço formal no CP, como categoria funcional, que estaria influenciando na variação do fenômeno V2. Desenvolveremos uma análise na qual tenhamos em conta uma variação paramétrica nos moldes de: 1) sentenças matrizes desencadeariam o V2 categoricamente, porque o verbo é o único elemento que poderia checar esse traço no CP matriz. 2) sentenças subordinadas apresentariam algum tipo de variação nesse traço no seu CP: em algumas línguas, o complementizador satisfaria a checagem desobrigando a subida do verbo; em outras línguas, o complementizador não seria capaz de satisfazer a checagem e o verbo se moveria obrigatoriamente nas subordinadas mesmo com a presença do complementizador; e assim por diante.

---

<sup>13</sup> Lembrar que, nesta altura do texto, embora falemos de CP, estamos adotando a proposta de Rizzi (1997), na qual o CP é cindido em outras projeções tais como ForceP, TopP, FocP e FinP. Outras análises mais recentes, tal como as apresentadas em

## 5. Palavras não finais

Este texto teve o objetivo de apresentar a discussão do projeto de tese que está em desenvolvimento, cuja finalidade é fazer um estudo diacrônico do movimento do verbo no espanhol e discutir questões formais referentes ao fenômeno V2 nas línguas humanas.

As próximas etapas previstas para a investigação são a coleta e análise de dados e o levantamento da discussão sobre o efeito V2 nas línguas humanas.

Como comentamos acima, fatores discursivos estão em jogo na ordem de constituintes, especialmente, no espanhol atual. Assim, os dados coletados serão separados em sentenças marcadas e não-marcadas a fim de receberem um tratamento adequado e evitar que qualquer ordenação XPVS seja relacionada ao fenômeno V2.

## REFERÊNCIAS

BELLETTI, Adriana. Inversion as focalization and related questions. *CatWPL*, v. 7, p. 9-45, 1999.

CHOMSKY, Noam. **UG from below**. MIT, Ms, 2006.

\_\_\_\_\_. A minimalism program for linguistic theory. In.: HALE, K.; KEYSER, S. J. (org). **The view from Building 20**. Cambridge/Mass.: MIT Press, 1993, p. 1-52.

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da. **Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia, 2008.

FONTANA, Josep M.. **Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish**. Ph.D Dissertatiton, Universidade da Pensilvânia, 1993.

HORNSTEIN, Nobert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K.. **Understanding Minimalism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.

KATO, Mary. A evolução da noção de Parâmetro. *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, p. 309-337, 2002.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In.: DUFFER, A; JAKOB, D. (org.). **Focus and background in romance languages**. London: John Benjamins, (no prelo).

\_\_\_\_\_. A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: LOBO, Tânia et alii (org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 2. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 165-182.

MORENO CABRERA, Juan Carlos. Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. v. 3. Madri: Espasa Calpe. 1999, p. 4245-4302.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, p. 365-424, 1989.

RADFORD, Andrew. **Syntactic theory and the structure of english: a minimalist approach**. Cambridge: Cambridge, 1997.

RIBEIRO, Ilza. **Um estudo da ordenação dos constituintes em duas versões da Crônica Geral de Espanha**. In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, v. IV, 2005.

\_\_\_\_\_. **A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In. HAEGEMAN, Liliane (org.). **Elements of grammar**. Kluwer: Dordrecht, 1997, p. 281-337.

\_\_\_\_\_. **Residual verb second and the Wh criterion**. University of Geneva, Ms, 1991.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Ana. **Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida. **Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 1995.

ZAGONA, Karen. **The syntax of Spanish**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. Las funciones informativas: tema y foco. In.: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. v. 3. Madri: Espasa Calpe, 1999, p. 4215-4244.

\_\_\_\_\_. **Prosody, focus, and word order**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1998.